

## Programa 1

### 1.1 Novos desafios na alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas

Pierlangena Nascimento da Cunha<sup>1</sup>

#### **A alfabetização de jovens, adultos e idosos e a educação escolar indígena**

No Brasil, a população indígena é constituída por 210 povos, o que gera uma diversidade cultural riquíssima que influencia diretamente a forma de se construir uma Educação Escolar Indígena, pois os povos indígenas redimensionam vários aspectos da educação formal brasileira. Em se tratando de alfabetização de jovens adultos e idosos essa situação gera desafios ainda maiores, uma vez que vários fatores devem ser levados em consideração para que se possam atingir os reais objetivos do processo de alfabetização.

Os maiores desafios da alfabetização de jovens, adultos e idosos, nas comunidades indígenas, apresentam-se desde a compreensão do que realmente significa Educação Escolar Indígena e de como construir uma alfabetização voltada para os interesses de seus protagonistas. Outra questão importante é a de como saber lidar com a diferença. Diante disso, o conceito de alfabetização, para nós, indígenas, que temos uma cultura oral, ganha um sentido mais amplo, significando compreender o nosso mundo e o mundo do próximo. E, com certeza, isso vai além do saber ler, escrever e calcular. Os jovens, adultos e idosos das nossas comunidades carregam consigo conhecimentos culturais que independem de letramento. A alfabetização é apenas uma das ferramentas que tem contribuído para que os conhecimentos indígenas sejam repassados às gerações futuras através da escrita. A oralidade não perde espaço frente ao letramento, pois há conhecimentos tradicionais que não requerem o uso da escrita e devem continuar a ser repassados através da fala.

Essa situação faz com que os objetivos da alfabetização sejam definidos através de consulta à população interessada, que deverá detectar as expectativas dos jovens, dos adultos e dos idosos que, com certeza, serão distintos entre si. É por isso que estas diferenças devem ser melhor conhecidas através do incentivo às reflexões e às avaliações, feitas pelos próprios indígenas.

Reporto, aqui, a opinião de alguns adultos e idosos de minha comunidade que não acham necessário serem alfabetizados, seja a alfabetização realizada em qualquer língua, pois suas experiências já são perfeitamente válidas para o seu convívio social e, para tanto, a oralidade lhes é suficiente. Enquanto há jovens que têm expectativas mais amplas de continuarem a estudar no Ensino Básico, há adultos que somente querem aprender a ler e a escrever para melhorar o seu entendimento sobre a sociedade nacional, sem que tenham interesse na continuação da seriação escolar. Acrescento que essas expectativas variam de povo para povo e de comunidade para comunidade. Isso contesta a tendência de homogeneização da educação e da alfabetização nas escolas indígenas.

Outro fator que também deve ser considerado é o contexto histórico da comunidade. O processo histórico de contato com outros povos e a participação na construção do Estado Nacional historicamente se desenvolveram dentro de um sistema de assistência tutelar, que só veio a ser alterado a partir da Constituição de 1988. Foi esse contexto que permitiu a ampliação da rede escolar pública nas comunidades indígenas, no momento em que se intensificava o contato com amplos setores da sociedade nacional.

Creio que a intensificação das relações contribuiu para o estabelecimento das condições pedagógicas necessárias para que se possa realizar a alfabetização. Por um lado, há a oferta educacional do Estado e, por outro, existe a ampliação da demanda nas comunidades.

Entre os pressupostos pedagógicos, a identificação da situação lingüística constitui o fator mais relevante para a alfabetização de jovens, adultos e idosos indígenas, pois, em se tratando das diversidades de línguas que ocorrem dentro de uma mesma comunidade (como a minha, por exemplo, onde falamos as línguas Macuxi, Wapichana, Taurepang e Português) deve se estar atento para não menosprezar nenhuma delas, para não se correr o risco de imposição. Decidir em qual língua se deve alfabetizar deve ser uma decisão da própria comunidade envolvida, pois cada uma tem interesses que são relevantes e peculiares.

Diante disso, penso que o espaço da alfabetização indígena para jovens e adultos não deve estar limitado entre quatro paredes. O aprendizado pode ocorrer num espaço formal ou informal, dentro da comunidade, onde muitas das vezes o educador vira educando, pois os idosos são mestres diante das várias situações da vida. Por isso, para nós, indígenas, a alfabetização é movimento, é estar se preparando para um mundo conhecido e também desconhecido. E isso acontece num processo contínuo: na comunidade, nas reuniões comunitárias, nas horas de lazer ou de trabalho e em outros locais e momentos.

Por isso, os mínimos detalhes da vida de cada um influenciam no seu aprendizado, pois jovens, adultos e idosos das comunidades indígenas são pessoas que geralmente trabalham o dia todo, as mulheres têm filhos pequenos para cuidar, entre outras particularidades a mais de cada povo.

Isso justifica que se invista mais na preparação pedagógica e cultural do educador, para que este possa desenvolver metodologias apropriadas de trabalho, de acordo com a realidade local. Com isso, o alfabetizar ganha o sentido de construção, de troca de conhecimentos e não algo meramente pronto para ser aprendido.

Portanto, a alfabetização de jovens, adultos e idosos indígenas deve ser compreendida como um dos instrumentos que os povos indígenas possam utilizar para compartilhar com o restante da sociedade nacional todo o valor de sua cultura, bem como para que possam participar efetivamente da vida cultural brasileira, mostrando toda a sua riqueza e contribuição para esse país.

Por fim, a alfabetização deve ser também concebida como um ato de apropriação de novos conhecimentos, que podem ser usados em favor dos povos indígenas e, dessa forma, desperte todos para a importância de se buscar a garantia de seus direitos.

NOTAS:

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Intercultural / Núcleo Insikiran/UFRR e membro da OPIR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima).

**SALTO PARA O FUTURO / TV ESCOLA**

**[WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO](http://WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO)**